



BRINCAR DE COMIDINHA: UM BANQUETE DE EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS E MEMÓRIAS AFETIVAS

PLAYING FOOD: A FEAST OF AESTHETIC EXPERIENCES AND AFFECTIVE MEMORIES

Cássia Calandrini Ribeiroⁱ
Mestranda em Artes - IFCE

RESUMO

Este trabalho apresenta as reflexões sobre a proposta pedagógica “brincar de comidinha”, vivenciada por 7 grupos de crianças e adultos, a partir do referencial teórico composto por Couchot (2018), Dewey (2010), Thomé e Tubenclak (2023) e Piorski (2016), que definem a arte e a brincadeira como experiências de vida e arte. Trata-se de uma pesquisa em artes (Rey, 2012), de abordagem qualitativa, uma pesquisa participante, de objetivo descritivo, num estudo teórico/prático para analisar a prática docente e a proposta de brincar livre e sua relação com as artes, pelo prazer estético e memórias afetivas resgatadas nas vivências experienciadas pelos sujeitos da pesquisa. Nessa proposição, percebemos o envolvimento de adultos e crianças num banquete estético e deleite de sensações, desejos e emoções.

PALAVRAS-CHAVE

Brincar livre. Experiência estética. Memória afetiva. Arte. Natureza.

ABSTRACT

This work presents reflections on the pedagogical proposal: “playing food”, experienced by 7 groups of children and adults based on the theoretical framework of Couchot (2018), Dewey (2010), Thomé and Tubenclak (2023) and Piorski (2016) that define art and play as experiences of life and art. This is research in the arts (Rey, 2012), with a qualitative approach, a participant research, with a descriptive objective, in a theoretical/practical study, analyzing teaching practice and the proposal of free play and its relationship with the arts, for aesthetic pleasure and affective memories rescued in the experiences experienced by the research subjects. In this proposition, we perceive the involvement of adults and children in an aesthetic feast and delight of sensations, desires and emotions.

KEYWORDS

Play free. Aesthetic experience. Affective memory. Art. Nature.



Introdução

Este trabalho apresenta as reflexões sobre a proposta pedagógica “brincar de comidinha”, vivenciada por 7 grupos de crianças e adultos: uma turma de Infantil 3; duas turmas de Infantil 4; e duas turmas de Infantil 5, de dois Centros de Educação Infantil (CEI) da Rede Municipal de Fortaleza; um grupo de adultos integrantes do grupo de estudos Crisálida, da Universidade Federal do Ceará (UFC), e um grupo misto de crianças e adultos no Evento “Dia do Brincar”, promovido pela UFC.

A partir do referencial teórico composto por Couchot (2018), que nos apresenta a arte de modo natural e suas relações cognitivas; Dewey (2010), que define a arte como a maior experiência de vida; Thomé e Tubenchlak (2023), que unem o contato com a natureza e a arte; e Piorski (2016), que explora a imaginação do brincar e sua intimidade com os elementos naturais.

Trata-se de uma pesquisa em artes, pois esta professora-artista-pesquisadora “orienta sua pesquisa a partir do processo de instauração do seu trabalho plástico assim como das questões teóricas e poéticas, suscitadas pela sua prática” (Rey, 2012, p. 82). Numa abordagem qualitativa (Lüdke; André, 1986), com pesquisa participante, de objetivo descritivo, num estudo teórico/prático analisar a prática docente e a proposta de brincar livre e sua relação com as artes, pelo prazer estético e memórias afetivas resgatadas nas vivências experienciadas pelos sujeitos da pesquisa.

A proposta de “brincar de comidinha” é algo já experienciado no cotidiano das instituições de educação infantil. Nesta pesquisa, apresentamos a experiência utilizando-se do princípio estético que, segundo Galeffi (2007, p. 104 *apud* Ostetto, 2019, p. 60), transcende qualquer conteúdo de cultura artística, pois “estético é aquilo que cada um é em sua superfície existencial, porque o importante é o como são desafiadas e afiadas as cordas do tempo e da transformação inevitável”, de quem vivencia e de quem observa.



O espaço da brincadeira foi organizado de forma que o público vivenciasse a experiência de maneira espontânea, sendo convidado pelo espaço e materiais disponíveis, dando continuidade à brincadeira ou construindo novas narrativas. Ao observarmos a brincadeira, “é possível detectar linguagens, corporeidades, materialidades e sonoridades do brincar associadas a esse inconsciente natural que mora no imaginar e, constantemente, se mostra no fazer das crianças” (Piorski, 2016, p. 17), inclusive dos adultos que iniciam timidamente a brincadeira e, logo depois, estão mergulhados na proposta.

Nessa proposição, percebemos o envolvimento de adultos e crianças, de forma livre, explorando os materiais, resgatando memórias afetivas, narrativas de vida, num banquete estético e deleite de sensações, desejos e emoções.

DESENVOLVIMENTO

“Brincar de comidinha” começa antes da brincadeira propriamente dita. O desenvolvimento começa com o planejamento da educadora, que seleciona os materiais, objetos, utensílios domésticos, tecidos e a organização do espaço e materiais, ainda na memória e no rascunho no papel para antecipar as possibilidades e prever as necessidades. Pressupondo que nós professores somos autores de nossas práticas artísticas e pedagógicas, que todo ser humano é criativo e pode fazer arte, convertemos ‘potência em ato’, pois a proposta pedagógica em artes, segundo Costa (2023, p. 7) “é sobre transformar potência em ato, sobre educar pela arte para o reencontro com a natureza”, aproximando a natureza do ato criador e original do ser humano.

Em seguida, acontece a coleta de materiais da natureza para envolver a brincadeira na produção de comidinhas inimagináveis, tais como: areia, flores, sementes, pedras, galhos, conchas, água e chás são apenas alguns dos ingredientes disponíveis, além da criatividade e do desejo de criar banquetes com os amigos e familiares. Para Thomé e Tubenchlak (2023, p. 11), “coletar elementos da natureza é um importante exercício para nos conectar com a vida. Este é um ato que nos aproxima da nossa ancestralidade de caçadores-coletores, da natureza que pulsa ao nosso redor e dos tempos e ciclos da vida”. Coletar materiais é conhecer a natureza ao seu redor, é



também se conhecer, fazer pesquisa de cores, texturas e materialidades, é experimentar a natureza da arte.

À cada proposição, mesmo que repetidas vezes, um novo plano, uma nova intenção. Para as crianças da primeira escola, um grupo de crianças de 3 anos, um grupo de 4 anos, e dois grupos de 5 anos, um CEI sem muita natureza à disposição, com salas de referência pequenas, mas grupos de no máximo dez crianças. A educadora colheu os materiais com antecedência, e, enquanto organizava a “mesa posta” (Imagem 1), um misto de curiosidade e questionamentos surgia: “O que é isso? Pra que serve? O que vamos fazer? É uma receita?” (Registros pessoais da autora).



Imagem 1. Mesa posta, utensílios de cozinha e elementos naturais, 2023. Digital, 10cm X 5cm.
Design: Cássia Ribeiro.

Aqui, a experiência com os utensílios de cozinha foi a principal investigação; transferiam materiais de um utensílio para outro, batiam e amassavam com pilão e rolo de madeira. As crianças de 3 anos testavam sua força debulhando uma pinha e peneiravam as sementes e conchas. Na turma de 4 anos, tivemos chás com biscoitos e muitos bolinhos. E, nas turmas de Infantil 5, muitos sons; enquanto numa turma uma criança descobria e tirava notas musicais dos utensílios, percebendo diferenças e tons nos objetos de madeira e alumínio, na outra, enquanto preparava o almoço, o garoto cantarolava “lava roupa todo dia, que agonia” (Registros pessoais da autora). Além disso, estavam sempre oferecendo seus quitutes e preparos à professora: “Tia, o que você quer? Vou preparar pra você!” (Registros pessoais da autora).



As experiências que, para cada criança, acontecem de forma particular, ganham memória e unem-se a outras novas experiências. Dewey (2010, p. 110) trata a experiência de forma singular, com início e fim, “porque a vida não é uma margem ou um fluxo uniforme e ininterrupto. É feita de histórias, cada qual com seu enredo, seu início e movimento para seu fim, cada qual com seu movimento rítmico particular, cada qual com sua qualidade não repetida, que a perpassa por inteiro”. Esse início e fim é dado num momento em particular, como a brincadeira oferecida, mas a experiência fica e inicia novas experiências, moldando recordações.

Na segunda instituição, com espaço amplo e diversos materiais naturais à disposição, houve um passeio pelo quintal e um convite a colher os tesouros da natureza (Imagem 2). A turma composta por 20 crianças do Infantil 4 se espalhou pelos jardins, coletando galhos e gravetos, folhas e flores, pedras e areia, e fazia questão de mostrar para a professora: “Oh, tia, uma florzinha!” (Registros pessoais da autora), exibindo na mão cada descoberta e coleta realizada.

Ainda sobre os sentidos da experiência, Dewey (2010, p. 123) aponta que “a experiência de uma criança pode ser intensa, mas, por falta de uma base de experiências anteriores, as relações entre o estar sujeita a algo e o fazer são mal-apreendidas, e a experiência não tem grande profundidade ou largueza”. O que imaginamos é que a criança não apreende a experiência da arte por completo, no entanto, ela está em completude na experiência, vivendo, sentido com intensidade, envolvida por indutores estéticos naturais “que é própria a qualquer conduta estética, é que ela é recompensada por um prazer, uma jubilação delicada e fascinada, puramente perceptiva, que só usufrui dela mesma, que só aspira a se manter ao infinito” (Couchot, 2018, p. 84), como quem está, de fato, coletando um tesouro e, para muitos, a necessidade de levar para casa, mostrar aos familiares, guardar.



Imagem 2. Fotomontagem, crianças colhendo elementos naturais no quintal da Instituição, 2023.
Digital, 10cm X 6cm. Design: Cássia Ribeiro.

O terceiro grupo, composto por integrantes do grupo de estudos Crisálidaⁱⁱ, foram recebidos num banquete de acolhida. Aqui, a artista-professora-pesquisadora sentiu-se tocada pela leitura do texto de Ostetto (2019), intitulado “Com o pensamento do coração, entrelaçando docência e formação estética”, que partilha a ideia de que, ao longo da vida, vamos nos formando esteticamente, “vamos sendo marcados, aprendendo a significar o mundo ao redor, no compartilhar relações, experiências e contextos diversos; vamos nos apropriando de modos de ser, de pensar e de sentir” (Ostetto, 2019, p. 60). Além disso, o grupo recebera o convite de participar do evento “Dia do Brincar”.

Pensando na proposição para o dia do evento e estesiada pela leitura do texto citado, levei a brincadeira para a acolhida, afim de envolver o grupo na experiência e poder promovê-la com tal afinco no dia do evento. Isso porque “o estético não é algo que se intromete na experiência de fora para dentro, seja pelo luxo ocioso ou pela idealização transcendental, mas que é o desenvolvimento esclarecido e intensificado de traços que



pertencem a toda experiência normalmente completa” (Dewey, 2010, p. 125). Pensando a experiência como algo que marca, promover uma experiência completa só é possível conhecendo a própria experiência, sem interferências e com qualidade estética. Couchot (2018, p. 57- 58) considera que:

A experiência pessoal, a memória, o humor, o ambiente cultural influem em nossa atenção diante do mundo, fazem que o interpretamos de maneira diferente do que ele é. A atenção resulta de um duplo movimento: filtragem e amplificação das percepções de um lado, projeção realizada pelo cérebro no mundo de suas pré-percepções de outro. Ela é expressão de uma “intenção enraizada na ação”. A atenção cognitiva, porém, é lábil, flutuante; ela salta de um objeto a outro e, para retê-la, é preciso que ela possa descobrir em seu objeto novos elementos capazes de estimulá-las. Ela foi selecionada pela evolução por sua capacidade de estabelecer e multiplicar as oportunidades que o sujeito dispõe para interrogar seu entorno, de se acostumar a formular hipóteses, a antecipar, a prever, a se inscrever na temporalidade.

Essa experiência única, vivida por cada ser, carrega em si experiências anteriores individuais e coletivas, construídas na vida e selecionadas para utilização em dado momento, a partir do repertório particular.

Para o momento com o grupo de estudos Crisálida (Imagem 3), foi solicitado, através do grupo de Whatsapp que, no caminho para a Universidade, realizassem uma “caça aos tesouros da natureza”, coletando materiais que encontrassem pelo caminho e os levassem para a acolhida. Após uma coleta de *bouganvilleas* de diversas cores, “um baquete de experiências estéticas” (Registros pessoais da autora), com colagens de folhas e flores, mini sushis de folhas verdes e flores vermelhas, guisados de flores rosas servido em pedras frias.

Com a proposição para adultos, a experiência já não é tão espontânea, pois observam, passeiam pelo espaço, questionam “O que é pra fazer?” e, devolvendo o questionamento “O que você gostaria de fazer?”, a brincadeira foi ganhando vida, e a produção das comidinhas foi embalada por uma conversa em grupo sobre as lembranças: “Eu lembro de misturar as coisas assim” (mostra a jarra com água com elementos naturais dentro); “Eu lembrei que pegava a pinha, molhava, ficava observando ela fechar, depois ia pro quintal e esperava ela secar e abrir” (Registros pessoais da autora). Ou, emoldurando as lembranças, ainda sem jeito e pedindo



autorização: “Posso levar meu quadro?”; “Vou colar no meu diário!”; “Não conhecia essa flor, vai ser meu marcador!” (Registros pessoais da autora).

Na brincadeira, a criança cria imagens e significações, “qualquer recordação de infância é, em si um ato estético, pois a nostalgia da infância é a nostalgia do ser” (Piorski, 2016, p. 50). Na experiência com os adultos, a imersão na brincadeira leva tempo, é movida pela memória afetiva, das lembranças vividas na infância, do que se pode fazer, da autorização do outro, enquanto que, para a criança, a experiência acontece e vive com ela.



Imagem 3. Acolhida brincar de comidinha, grupo de estudos Crisálida, 2023. Digital, 10cm X 9cm.
Design: Cássia Ribeiro.

No evento “Dia do Brincar” (Imagem 4), promovido pela Brinquedoteca da UFC, os “tesouros da natureza” foram colhidos pelos integrantes do grupo de estudos Crisálida com antecedência, os quais prepararam o espaço, organizaram a mesa posta com um lindo bolo de areia, conchas, pinhas e flores, um espaço com molduras de papelão e fita adesiva transparente, e os elementos da natureza para colagem e criação de



quadros e acessórios. O encanto e a surpresa, então, ganharam notoriedade: “Nossa, enfeitaram um bolo com conchinhas”; “Quem diria que um balde de terra ia ficar tão belo!” (Registros pessoais da autora).

Nesse evento, os pais acompanhavam os filhos que logo se jogavam na experiência e, em pouco tempo, os responsáveis também estavam imersos na brincadeira, preparando comidinhas, fazendo composições, e o momento de ir embora era sempre negociado: “Vamos brincar em outro lugar!”; “Vamos ver o que tem na outra sala!”; “Você quer pintar?”; “Tem teatro agora!” (Registros pessoais da autora). O envolvimento foi intenso. De acordo com Dewey (2010, p. 139), “viver a experiência, como respirar, é um ritmo de absorções e expulsões. Sua sucessão é pontuada e transformada em um ritmo pela existência de intervalos, períodos em que uma fase é cessada e uma outra é inicial e preparatória”. Para o adulto, viver outra experiência, outros espaços, é viver por completo; para a criança, concluir uma experiência é sua completude.



Imagem 4. Dia do Brincar, mesa posta, molduras de papelão e elementos da natureza, bolo de areia, 2023. Digital, 6cm X 10cm. Design: Cássia Ribeiro.

Cada um no seu tempo, com seus interesses, construindo memórias afetivas, formando-se esteticamente, transformando natureza em arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Nesse devir das experiências, os sujeitos ampliam seus repertórios também em artes. Como vimos, as crianças bem pequenas (3 anos) exploram os materiais afim de conhecê-los, de tomar posse de suas materialidades, sua função, para, então, os ressignificarem. Quando observamos as crianças pequenas (4 e 5 anos) que já possuem algum repertório de experimentações, estas caminham para novas possibilidades, retiram sons dos materiais, criam narrativas, rememoram situações vividas no convívio familiar, cantarolam enquanto cozinham, servem café e bolinho, exploram a criatividade e a imaginação.

Criatividade e imaginação são ferramentas indispensáveis para todo artista. E toda sua produção só é possível porque, antes, vivenciou, explorou, experimentou materiais para criação.

Quando adultos, percebemos uma participação tímida, um envolvimento inseguro que só é ampliado pelas memórias afetivas que trazem à lembrança experiências de vida e o fazem ressignificar o momento. Ou são motivados pelas experiências anteriores, ou pela atuação responsável por suas crianças, tanto é que o interesse logo se esvai e buscam outras experiências, porque aquilo já lhe basta, já viveu o que deveria.

No entanto, adultos envolvidos em pesquisas em artes são inebriados pela experiência como as crianças, mergulham no propósito, criam, recriam e tomam consciência do movimento estético, da arte que flui naturalmente, como experiência de vida, arte e natureza, criação artística.

A coleta de materiais, por exemplo, é realizada por uma motivação estética que escolhe pelo sentimento, que causa quando olha um material, um cheiro, uma cor, uma curiosidade, indiferença, algo que mexeu com os sentidos, que o fez apanhar o elemento da natureza para dele fazer arte, experiência.

É construída, assim, uma nova relação com a natureza, com o mundo ao seu redor, com a arte. Experimentando sensações, desejos e emoções, nutrindo a imaginação e criatividade, essa é a tarefa primordial da arte. A natureza é a origem da arte, assim como a infância é a origem do homem. Como professora-artista-pesquisadora, propor



experiências educativas que envolvem a natureza e a arte é o ato criativo que nos move.

Referências

COSTA, Magnólia. Prefácio. *In*: THOMÉ, Ana Carol; TUBENCHLAK, Diana. **Arte e natureza**: ateliês os quatro elementos. São Bernardo do Campo: Ed. das Autoras, 2023. p. 5-7.

COUCHOT, Edmond. **A natureza da arte**: o que as ciências cognitivas revelam sobre o prazer estético. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Com o pensamento do coração, entrelaçando docência e formação estética. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v.14, n.1, p. 57-76, jan./abr. 2019.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do chão**: a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2016.

REY, Sandra. Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais. **Revista de Artes Visuais**, Porto Alegre, v. 7, n. 13, p. 81-95, 2012.

THOMÉ, Ana Carol; TUBENCHLAK, Diana. **Arte e natureza**: ateliês os quatro elementos. São Bernardo do Campo: Ed. das Autoras, 2023.

Notas

ⁱ Professora da Rede Municipal de Fortaleza. Mestranda em Artes pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE). Pós-graduada em Gestão Escolar pela PROMINAS. Pós-graduada em Educação Infantil e Alfabetização pelo Instituto Dom José (IDJ). Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Integrante do grupo de estudos Crisálida: Art&ducação em (trans)formação, vinculado à Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: cassiacalandrini@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9819-2837>. Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/7901833041618199>. Fortaleza, CE - Brasil.

ⁱⁱ Grupo de estudos Crisálida: Art&ducação em (Trans) formação, vinculado à Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará (UFC). O grupo busca atender uma demanda formativa no campo da arte e da arte/educação, colaborando nos diferentes níveis de ensino, considerando uma ponte entre a universidade e a educação básica. Objetivo descrito pelo próprio grupo, na sua página das redes sociais. Disponível em: https://www.instagram.com/grupo.crisalida?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=ZDNIZDc0MzIxNw==. Acesso em: 3 mai. 2024.